ELOGIO AO PATRONO JOÃO PERBOYRE E SILVA(*)

Ribeiro Ramos

Desde que este silogeu surgiu no cenário cultural de Ceará, naquele memorável 31 de maio de 1979 por inspiração e iniciativa do eminente polígrafo e consagrado retor Itamar de Santiago Espíndola, de logo senti um desejo enorme de me aproximar desta Casa da Oratória, para conhecer de perto e ouvir atento as altas vozes daqueles que a construíram e sob seu teto vieram abrigar-se, para o culto da Retórica, que nasceu com o homem civilizado e jamais morrerá.

De longe eu escutava contrito o eco dessas vozes altissonantes, mas inata timidez que me acompanha toda vida impedia de aproximar-me, para vos tributar as minhas homenagens e fazer chegar aos vossos ouvidos doutos o som dos meus aplausos.

Foi preciso que um dos vossos, o meu dileto amigo Antenor Gomes de Barros Leal, me tomasse pela mão e para cá me conduzisse, num gesto cativante de pura e fraterna amizade, que tem raízes profundas na superna generosidade de seu grande coração. A vossa acolhida foi generosa e cativante e tanto mais ruidosa porque comigo aqui chegavam três eminentes retores - Joaquim Lobo de Macedo (Joaryvar Macedo), Geraldo Fontenelle e Raimundo Bezerra Falcão - que vinham dar lustre e brilho às suas Cadeiras, e oferecer às duradouras glórias desta Instituição os primores de suas privilegiadas inteligências. À vossa fraternal acolhida o penhor seguro de minha profunda gratidão e a segurança de minha maior estima, desvaliosa, é certo, mas plena de sinceridade, e disto eu tomo a Deus por testemunha.

A oratória, nós o sabemos, é multissecular, e surgiu, é possível, entre as primeiras comunidades que reuniam os homens em grupos. Quando eu era menino, já alfabetizado, costuma ler, aos domingos, lá em nosso sítio, em Guaramiranga, para minha avó paterna, que já não enxergava, um livro que meu pai lhe dera, denominado *História Sagrada*, que se iniciava sobre a criação, o Fiat, o despertar da vida, o Paraíso, Adão e Eva, o Gênesis, enfim. E essa leitura despertava em mim um mundo de fantasias. Uma delas girava em torno do *discurso* de Mãe Eva sedutora e bela, e tão cativante ponto de seduzir o nosso ai Adão, fazendo-o comer do fruto que o Senhor lhes proibira e que ela própria havia colhido, com mão mimosa e delicada, da árvore do Bem e do Mal. E eu fantasiava: o primeiro homem rendeu-se à eloqüência de sua sedutora companheira. Parecia-me evidente.

(*) Pronunciado na Academia de Retórica do Ceará.

A Retórica teve seu berço na Helade multimilenar, vestindo de primores a eloqüência de Aristóteles, de Sócrates, de Demóstenes, enfim dos sete sábios da Grécia fabulosa. Era um legado que vinha de longe, do Oriente próximo, da boca dos profetas, e que chegaria mais tarde à Roma dos Césares, de Cícero, de Virgílio e de tantos outros gigantes do pensamento latino e onde chegou também a voz portentosa do grande bispo de Hipona. Luz eterna e brilhante no interior dos claustros, reavivou-se na Idade Média para vir declinar na Era Moderna, até ser tida como mero discurso, apenas retórico, empolado, mas vazio de conteúdo. Na época da Renascença ela se manteve firme e grandiosa à custa dos grandes pregadores, derramando-se dos púlpitos e da boca dos novos apóstolos de Cristo, na divulgação dos Santos Evangelhos, na maravilhosa afirmação do Cristianismo.

Como o sol no infinito que todos os dias desaparece para voltar no outro com o mesmo brilho e o mesmo calor vivificante, aquecendo a terra e multiplicando a vida, a retórica volta sempre, na magia dos discursos, das palestras, das conferências, e dos sermões e das homilias, por vezes belas e fascinantes, no púlpito, na tribuna e na cátedra sublimada. Modernamente, na afirmativa de um pensador, ela sobrevive em duas modalidades de estilo, o **estilo sublime** e o **estilo humilde**. Há dois meses tivemos em pleno esplendor de sua florescência a oratória sublime - o Discurso do Acadêmico Geraldo Fontenelle, cujos sons maviosos e supernais ainda podem ser escutados neste recinto augusto, ao recitar o seu monumental discurso sobre o seu grande Patrono, Dr. Antônio Furtado Bezerra de Menezes.

Fica comigo neste instante pela graça da qualificação de Mimesis, o **estilo humilde**, que se coaduna perfeitamente com a humildade e pequenez de minha pessoa e do meu jeito de ser. Nada mais que isso.

A palavra, dom de Deus, dada ao homem como ser superior da escala animal é, portanto, graça divina.Gostaria de trazer para vossos ouvidos benevolentes, o que disse sobre esse dom em meu Discurso de Posse na augusta Academia Cearense de Letras: ... "O vocábulo" **palavra** pode também ser qualificado por suas mutuações diversas em nosso linguajar: ela é terna e pura quando se fala em amor; é maravilhosamente bela quando traduz poesia; é divina quando se diz perdão; é terrível quando acusa e insulta; é assassina quando calunia; é distruidora quando se alia ao ódio; é desagregadora quando se oculta por trás do feio pecado da inveja; é afirmação quando prega a

Verdade; eleva e consola exprimindo amizade; é luz em Cristo pregando os Santos Evangelhos; é sã doutrina nos ensinamentos de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; e caridade nos lábios de São Vicente de Paulo; é música divina na boca de São Francisco de Assis, na imitação do Cristo e é maravilhosa e linda quando dizemos Mãe! Neste momento ela é apenas humilde, repito. Perdão! Há algo mais comigo, neste momento - a Amizade e a Sinceridade, para que vos fale sobre o Dr. João Perboyre e Silva, Patrono de minha Cadeira, a quem reverencio com Mestre douto do Direito, como jornalista de escol, como orador primoroso, como cearense dos maiores e como vero amigo.

Filho legítimo de Luiz José Pereira da Silva e Maria Júlia Pereira Silva, nasceu João Perboyre e Silva em Redenção, no dia 18 de setembro de 1905, onde estudou as primeiras letras. Fez o curso de preparatórios no Liceu do Ceará, onde colou grau em dezembro de 1929. Aluno brilhante, ocupou interinamente a cadeira de Direito Internacional Privado da mesma Faculdade, de 1939 a 1947, quando fez concurso para Catedrático da citada cadeira tendo como oponente o ilustrado Professor Heribaldo Costa, conquistando merecida vitória com a alta média 8,5, apesar do valor do seu momentâneo adversário, mestre culto e talentoso. A cátedra exerceu-a ele sempre em alto nível, conquistando respeito e admiração.

Como cultor de um ramo importante do Direito publicou os seguintes títulos:

O Divórcio na Sociedade Internacional e em face da lei Brasileira
A Nacionalidade na Constituição de novembro
Territorialidade do Direito Internacional Privado
Posição de Credos Religiosos no Direito Internacional Privado
O Concurso da Escola na transformação do Habitat Nordestino
João Ribeiro (Conferência)
Pequena Introdução ao estudo do Direito Comparado (1957)

Tinha nova obra preparada quando foi surpreendido pela morte, em Brasília onde era assessor do então Ministro da Educação, Sr. Suplicy de Lacerda, obra essa que precisa ser publicada.

Ocupou vários cargos públicos: Delegado de Polícia de Fortaleza, diretor de Instrução Pública e Procurador Fiscal do Estado. Foi membro preeminente da Academia Cearense de Letras, como Titular

da Cadeira 33, que tem como Patrono o renomado cientista, escritor, poeta, jornalista e Professor Rodolpho Marcos Theophilo, notável Farmacêutico, abolicionista e filantropo, que, por seu esforço e inimitável devotamento na erradicação da varíola no Ceará, foi galardoado com o honrosíssimo título de **Varão Benemérito da Pátria**, por lei emanada do Congresso Nacional e referendada pelo Sr. Presidente da República, como um dos pioneiros da Medicina Preventiva no Brasil.

Jornalista vocacionado Perboyre e Silva, estudante liceista e ainda muito jovem voltar-se-ia para o jornalismo; editou um panfleto semanário com o expressivo e sugestivo título de "A FARPA", contando com a colaboração de seus colegas de Liceu, Paulo Sarasate, Plácido Castelo e Otávio Facundo, todos exaltados e ardorosos admiradores dos jovens oficiais revolucionário de 22 - os tenentes - contra o Governo Epitácio Pessoa - os mesmos heróis que passariam à História sob a legenda gloriosa "Os 18 do Forte de Copacabana".

Idealistas, afoitos, os moços de "A FARPA" fizeram do jornal uma trincheira contra os desmandos do Governo do Estado e do País, em puro estilo panfletário, que o povo de Fortaleza aplaudiu e louvou. E, como não podia deixar de ser, veio de imediato a repressão das autoridades constituídas: o jornal foi apreendido e os seus editores detidos por ordens da Chefatura de Polícia. A situação era delicada e, com uma certa razão, a cidade ficou apreensiva e temerosa de alguma reação drástica por parte do governo. Houve intervenção de várias pessoas qualificadas e os estudantes foram soltos. Perboyre, no entanto, que assumira sozinho as responsabilidades pela publicação, liberando totalmente os seus três companheiros, ficou preso, fato que alarmou a muitos, receosos de uma ação violenta da polícia, com sempre soe acontecer. Felizmente, horas mais tarde, Perboyre foi solto, sem nada ter sofrido além de severa repreensão. Os arroubos da juventude cessaram naturalmente mas o jornalista intimorato ficou ao lado do homem, do cidadão intemerato que João Perboyre e Silva sempre o foi toda a vida.

Foi em ambiente assim, de bravura cívica que o jornalista nasceu, para se fazer grande, para se tornar notado, como eterno soldado da Liberdade, como um sublime Quixote redivivo, defensor dos fracos e dos oprimidos, como paladino das boas causas. Puro amante da Verdade, sua voz e sua pena estavam sempre a serviço dela, buscando-a por toda a parte e trazendo-a parta a luz do dia, fazendo-se

temido por sua dialética e respeitado pela força de seu espírito. Um homem. Um líder, como disse o poeta e Acadêmico Otacílio Colares, há pouco falecido, em seu discurso de posse na Academia Cearense de Letras, substituindo-o na Cadeira 33: "Perboyre e Silva, estilista de indiscutíveis méritos, criador de páginas das mais fortes e belas de pura origem espiritual, foi também um homem de comando, um líder autêntico, onde quer que haja feito sentida a sua atividade", lembrando ainda que ele era um homem superiormente dirigido no sentido do Bem e da Justiça. Acentuando ainda: "foi um prosador primoroso, orador vibrante, professor emérito e jornalista sem medo e sem mácula, voz e espírito sempre unidos na defesa dos sãos princípios".

E foi assim também que nasceu, para a luminosidade da cátedra, o Mestre do Direito que sempre soube transmitir a seus alunos, em aulas magistrais, os ensinamentos mais puros emanados de sua inteligência privilegiada, honrando, assim, as tradições de cultura de nossa terra, talhando centenas de discípulos para as conquistas do espírito e para a grandeza da Pátria, incutindo-lhes no espírito os mais sãos princípios da Liberal Democracia.

Não tive a ventura de conviver de perto com Perboyre e Silva, por ter deixado Fortaleza em 1927, mas dele me aproximei desde a criação da Associação Cearense de Imprensa, obra monumental do seu espírito e uma das páginas fulgurantes que deixou escritas no livro da História da Cultura do Ceará. Fixei-me na cidade litorânea de Acaraú, àquele ano e onde encontrei circulando o quinzenário "O ACARAÚ", órgão do Recreio Dramático Familiar, cuja direção assumiria algum tempo depois, motivo para troca de correspondência e para me associar à ACI. Minha carteirinha de sócio tem o nº 41, data de 4 de janeiro de 1935, e traz as assinaturas de Perboyre e Silva, Presidente, Antônio Girão Barroso, 1º secretário, e Clovis de Alencar Matos, Tesoureiro. Nessa época fiz na minha cidade promoção para angariar fundos destinados à construção do majestoso edifício onde tem sede a Associação que traz muito merecidamente o seu nome, e que tantos sacrifícios lhe custou bem como a seus ilustres companheiros de ideal, ali bem perto, na Rua Floriano Peixoto nº 735, onde algumas vezes o visitei. Anos mais tarde essa amizade se tornaria mais próxima, quando minha mulher foi sua aluna na Faculdade de Direito em 1958-1963. Aluna e Mestre se fizeram bons e leais amigos, não só pela recíproca estima que sempre há entre o discípulo e o professor como também pelo fato de ambos pertencerem às duas grandes famí-

lias que fazem a grandeza espiritual da Nação - os Intelectuais e aqueles que se acastelam na sublimidade do Magistério.

Além da ACI, cujos destinos presidiu durante 14 memoráveis anos, de muita canseira, muito trabalho e total dedicação, só dali se afastando quando deixou concluso o Palácio da Imprensa - a majestosa Casa do Jornalista, que lhe deu renome nacional. Perboyre e Silva idealizou e fundou uma outra instituição de largos méritos e grande alcance político-econômico-social que, por sua extraordinária repercussão chegou a sacudir o Nordeste do marasmo em que se habitou por séculos. Quero referir-me ao **Instituto do Nordeste**, hoje, infelizmente desaparecido, apesar dos triunfos iniciais. Propositalmente não busquei a causa (ou causas) do fracasso dessa instituição destinada à realização de grandes feitos, pois sempre me pareceu que tal fato tem uma única explicação: não ter querido o próprio Perboyre assumir a presidência do Instituto na sua instalação. Que foi um erro, foi, mas não me cabe julgá-lo, é óbvio.

Criando o **Instituto do Nordeste**, lançou-se o grande jornalista em campanha pela imprensa, com toda força de seu espírito combativo e aquele notável poder de persuasão que lhe era peculiar, levando a todos as finalidades da novel Instituição: lutar pela redenção do Nordeste; conseguir do Governo Central os recursos necessários para a definitiva solução do multissecular problema das secas periódicas; combater o analfabetismo e a mortalidade infantil, sempre em índices mais altos do que no resto do país; evitar o êxodo das populações nordestinas e mantê-las em seu habitat, mormente nos períodos de seca, evitando-se de qualquer modo as malfadadas, dolorosas e constantes diásforas, e, por fim, dar-se ao Nordeste o mesmo tratamento e os mesmos privilégios que são dados ao Centro-Sul a qualquer tempo.

Acreditamos que o Instituto, apesar de desaparecido prematuramente, deixou alguma coisa, um sinal visível de sua passagem em nosso meio, em face da atuação de seus membros e em virtude de eterna vigilância de Perboyre e Silva, sentinela indormida sempre pronta a dar o seu grito de alerta à Nação, que ecoava estridentemente por todos os recantos do país, e todas as vezes que sentia um perigo à vista, em forma de um premeditado esbulho contra o Nordeste, ou quando do preparo e tramitação de leis no Congresso porventura prejudiciais aos nossos interesses, e, sobretudo, quando o Governo Central nos negava aquilo a que tínhamos direito como integrantes da Federação. Em ocasiões assim o grande jornalista se agigantava, fazia-se bravio como um barbatão das nossas caatingas, investindo

contra todos aqueles que pretendessem erguer um muro para isolar o Nordeste do resto do País. De sua pena saíam, em tais momentos, chispas de fogo que iam incendiar os corações. Estava ali, como nos aponta Otacílio Colares: ... "O articulista brilhante, laureado pela justa popularidade - prêmio que cedo lhe chegava, por conta de uma juventude orientada no sentido das lides intelectuais, e que tinham na mesa do jornal diário a trincheira de combate, o veículo inestimável para disseminação de idéia e convicções forjadas ao calor de uma têmpera rija de lidador intemerato".

De lá, de longe, do meu sertão, acompanhei pelos jornais - sua trincheira inexpugnável - a sua campanha em busca de soluções para os problemas nordestinos, desenvolvido à sombra do INSTITUTO que fundara, eu quero crer que no nascimento de três grandes instituições em solo nordestino esteve presente o dedo imenso do gigante. quero referir-me a CHESF, à SUDENE e ao BANCO DO NORDESTE, que deram início, em épocas diversas mas próximas, à redenção do Nordeste, encravado no famoso Polígono das Secas, eternamente faminto e sequioso. Ninguém pode negar a soma enorme de benefícios que essas notáveis instituições nos trouxeram, em bem do nosso povo e tanto concorrem eficientemente para solucionar em parte os nossos grandes e angustiantes problemas.

Para escrever esta palestra visitei a Exma. Sra. D. Waldeliz Albano e Silva e sua distinta e dileta filha, Dra. Ruth albano e Silva, em sua acolhedora residência, nº 920 da rua Afonso Celso, ele, na Aldeota, e ambas, num gesto delicado e cativante puseram-me nas mãos alguns volumes onde estão guardados numerosos recortes de jornais e revistas, contendo artigos escritos pelo Dr. Perboyre e Silva. É um acervo precioso, como roteiro para se conhecer largo período da vida do eminente jornalista e consagrado Mestre. Ao ensejo li alguns desses artigos, dos quais a Dra. Ruth mandou tirar cópias xerografadas, presenteando-me gentilmente com elas.

Gostaria de pedir a vossa bondosa atenção para esses trechos do famoso artigo, publicado na **Gazeta de Notícias** intitulado "A Batalha do Nordeste" que agitou o meio sócio-intelectual-político de nossa capital. Depois de exaltar as vitórias aliadas nas grandes batalhas da Grã-Bretanha, de Stalingrado e do Atlântico, contra o nazi-nipofacismo, já preagônico, escreve magistralmente:

..."E, no entanto, já se travava no meio-norte do Brasil a Batalha extraordinária do Homem contra a Natureza. Nas estradas escaldantes, já morriam nordestinos erguendo as tristes pupilas para os céus

inundados de luz. E outros sangravam os pés nos calhaus dos caminhos. E outros rasgavam as mãos nos leitos dos rios, abrindo poços, à procura da linfa refrigerante. Nossa luta é, portanto, anterior à guerra atual. Por isso, hoje, quando todos apreciamos no ECRAN do Universo, a tormenta das grandes batalhas é oportuno indaguemos o que temos feito por nós e contra a Natureza, na mais antiga, multissecular, do Nordeste. Batalha em que, há várias centúrias, também há "lágrimas, suor e sangue". E concluía, soberbo, o seu libelo: "Nas batalhas que os nossos exércitos hoje travam, o que se procura é a presunção da Liberdade. Na Batalha do Nordeste - Batalha contra a Natureza - o que se pretende é a preservação da vida. A vida sem liberdade é a ignominia. A Liberdade sem Vida não se compreende: é Nada. Preservemos, pois, a Liberdade contra os homens que tentam negá-la. Mas preservemos também a vida contra a Natureza, que tenta destruí-la. Sistematizemos a magna campanha da Batalha do Nordeste."

Foi enorme a repercussão deste artigo, aqui e lá por fora. Retórica, pura retórica e muita beleza na prosa de Perboyre e Silva, que sempre se agigantou na consecução do objetivo supremo de sua grande vida: lutar pela Liberdade, pelo predomínio do Direito e pela retidão da Justiça. Por isso mesmo sempre esteve na linha de frente, lutando pela liberdade da imprensa e pelos direitos individuais do cidadão.

É-me inteiramente impossível trazer para cá, mesmo que citando pequenos trechos, todos os artigos escritos pelo jornalista que é patrono de minha Cadeira, verdadeiramente magistrais na sua quase totalidade. De relance posso citar, além da "Batalha do Nordeste" os seguintes: "Perdão, Tranculino!" - onde pede perdão a um frio criminoso que matou a mando e por dinheiro, por ele acusado e metido na cadeia, pelo júri, o mesmo júri que absolveu os mandantes, - e mais "Glória também a ti, pracinha do Brasil" (saudação aos nossos bravos pracinhas, vitoriosos, de volta à pátria), "Essa epopéia de suor"... sobre o extraordinário feito que foi a construção do Palácio da Imprensa e outros mais, centenas e milhares de outros mais, ainda estão na memória de velhos amigos e leitores seus.

Mas não posso deixar de fazer especial referência a dois notáveis trabalhos seus onde aparecem de mãos dadas o periodista vitorioso e o estilista primoroso consagrando o intelectual de alto porte, que bem cedo transpôs os umbrais da egrégia Academia Cearense de Letras, a mais antiga do país, que tanto honra e eleva o Ceará no panorama cultural do Brasil, titular que foi da privilegiada Cadeira 33.

Refiro-me à *ORAÇÃO À CHUVA* e ao *ROSAL LIBERDADE* onde há centelha de luz, que cegam e que deslumbram.

Ouçamos o poeta-prosador em momentos de beleza e inspiração: ..."És uma romanza de amor. O Solo, o Solo cearense, que a canícula crestou estórrica e inflama, é teu enamorado eterno. Quanto mais foges, mais ele te deseja e mais arde, mais se calcina e mais se inferniza, no desespero de tua ausência. Estala na sede do teu beijo. Combure-se, tentalizando. Anseia por ti, chispa revérberos de ódio, porque o fogo de suas entranhas exige o sedativo do teu bálsamo, a maciez do teu afago, a pianíssima ternura glacial de tuas gotas. E - pobre enamorado - repulsa sobre si os últimos lampejos de vida. E transforma sua face num lutuoso painel de catacumbas. Mas, quando vens, e desces, noiva simbólica, tamborilando o rumor de tuas bátegas o Solo recebe a carícia dos teus ósculos. Embebe-os, sôfrego. Transfigura-se. E, opera-se nesse encontro o milagre sempiterno do amor. Do amor que dá entusiasmo e dá frutos. Do amor que perpetua, na face da terra o FIAT genesíaco da criação". E, por fim, este final maravilhoso... "Opera todos os anos, ó chuva, o milagre eterno do amor. Apieda-te do nosso Solo, que, quanto mais foges, mais se contorce e mais arde, mais se estiola e calcina, mais definha e mais se inferniza, desesperado e trágico, na sede infinita do teu beijo. Volta de novo, ó Chuva, sobretudo agora, e faze reacender-se em nosso lares o círio votivo da Esperança".

Pura poesia nesses períodos lapidares de prosador que prendia pelas cintilações do seu espírito.

"O ROSAL DA LIBERDADE" é outra página antológica que Perboyre e Silva nos deixou escrita num momento de sublime inspiração. É um hino de amor e exaltação do filho ilustre à terra natal - Redenção, - que tem o seu nome escrito em letras de ouro nas mais fulgurantes páginas da História do Brasil, como pioneira da libertação dos escravos em solo pátrio. E Perboyre e Silva o escreveu no momento em que foi informado de que Redenção, em ato público de puro civismo, havia repudiado a candidatura de determinado político situacionista à presidência do nosso Estado, e fê-lo com arroubos de um iluminado:

Eis o hino, nos seus (versos) frases iniciais e final arrebatador:

"Redenção digna! Redenção liberta! Redenção bravura cívica!
Ainda, hoje, a lâmpada votiva da liberdade queima o óleo aromático do civismo no teu seio.

Em torno de ti, nos outros municípios, paira a cerração da meia-noite do servilismo.
Não tens peias, não possuis áçamos, não toleras senzalas.
O fato de 1º de janeiro de 83 continua a projetar fagulhas na inquietude dolorosa do presente."

....

"Já não é possível erguer as muralhas do cativeiro no teu solo.
Deste luz aos negros e aos brancos.
Todo o Ceará te lança os olhos, admirado desse esto de vibração patriótica, desse teu calor, dessas rosas vermelhas de brio que ti abrolharam à face, dessa revivescência do drama abolicionista!
Salve Redenção das auras puras, primeiro Roseiral da Liberdade!"

Eis aí de corpo inteiro João Perboyre e Silva, o jornalista, o escritor, o professor emérito que conheci e estimei e que todo o Ceará respeitava e muito queria. Digno, correto, probo, postura retilínea, leal, corajoso. Amava profundamente o Ceará. Um patriota convicto. Eterno defensor dos oprimidos, coração sempre voltado para a prática do Bem, sempre em busca da verdade.

Relendo-lhe, agora, uma boa parte dos artigos que escreveu, mais e mais me convenci de que Perboyre e Silva, cristão autêntico era homem de Fé, tanto que lia freqüentemente Chateaubriand e a Bíblia, fazendo anotações, segundo me revelou sua filha. Diz-nos Mons. Manfredo Ramos em seu livro (Tese), "A Idéia de Estado na Doutrina Ético-Política de Santo Agostinho, no capítulo intitulado "Uma Metafísica da Verdade e do Bem", base da antropologia e da ética Cristã: **"A Filosofia cristã ou sabedoria cristão"** de Agostinho tem por base uma autêntica **Metafísica da Verdade e do Bem**; é nesta que tem suas raízes e sua antropologia e a sua moral, que é, ao mesmo tempo, uma moral de felicidade e do dever, do amor e da liberdade. O ponto de partida dela e a busca das realidades, verdadeiras e inteligíveis, porque mutáveis e eternas, ou seja, de "um bem mutável", por cuja participação a alma se torna "sapiente e bem-aventurada". E concluiu: Estas realidades "invisíveis", "espirituais", "superiores e não sensíveis", "corporais" ou "temporais". A Alma racional, iluminada superiormente, partindo destas realidades inteligíveis (da Unidade, do Bem, e da Beleza) e da sua própria mutabilidade e limitação, seguindo de resto a sua inclinação natural para o seu bem

próprio, pode atingir Deus, que é o próprio Ser, a Unidade, a Verdade, a Bondade e a Beleza".

Creio firmemente, por tudo que sei sobre Perboyre e Silva pelo que pude colher agora, em minhas recentes pesquisas, que ele assim pensava, homem devotado ao estudo que sempre foi amante da Filosofia, admirador do Bispo de Hipona, que lia com singular freqüência as páginas luminescentes do "Gênio do Cristianismo", assim como se debruçava, atento, sobre as páginas imperecíveis do maior livro da Humanidade - a Bíblia Sagrada - sempre em busca da Verdade e do Bem e, portanto, na busca de DEUS.

Faleceu o Professor João Perboyre e Silva, às 2 horas da madrugada de 23 de junho de 1965, em Brasília, onde acompanhava demanda sua a ser julgada pelo Supremo Tribunal, em luta pela Justiça. Soubera àquela tarde que a Justiça lhe fora feita e se manteve sereno, sem manifestações exteriores. À noite sentiu-se mal e, levado ao hospital, faleceu em caminho, vitimado por um colapso cardíaco, ou um infarto, talvez. Estava entre familiares seus mas longe do Ceará que tão ardentemente amava e sem ter a seu lado a esposa, Waldeliz, nem a filha, Ruth, os dois maiores amores de sua vida, para lhe cerrarem, com mãos macias e infinitamente delicadas, as pálpebras sobre os grandes olhos amorosos já sem luz. Sua última mágoa, por certo. Deus assim o quis.

Por iniciativa do Magnífico Reitor Martins Filho, seu corpo foi transladado para Fortaleza e aqui sepultado no cemitério São João Batista, para eterno repouso, à sombra das casuarinas e dos ciprestes, cujos ramos são constantemente agitados pelos ventos brandos dos verdes mares bravios de sua terra natal.

A notícia da morte súbita e inesperada de Perboyre e Silva abalou toda a Fortaleza, e o Ceará inteiro se cobriu de luto, chorando o seu grande filho morto. O seu sepultamento foi uma verdadeira consagração póstuma, presentes as mais altas autoridades do Estado e do Município, intelectuais, jornalistas, radialistas, dirigentes de instituições culturais e de classes. Presente também o povo, a massa anônima. Um dos maiores cortejos fúnebres até então visto, passou pelas ruas de uma Fortaleza silenciosa e triste, em demanda do cemitério, parando no trajeto para receber as últimas homenagens prestadas pela Associação Cearense de Imprensa e pela Academia Cearense de Letras. A família Perboyre e Silva, dignamente, recusou as homenagens da Faculdade de Direito, já que assim se manifestara o seu chefe, em vida. Grande jornalista, notável Mestre, intelectual bri-

lhante, orador fascinante, pensador e homem de bem, assim passou João Perboyre e Silva para as páginas luminosas da História do Ceará.

Senhor Presidente
Srs. Acadêmicos,

Penhorado eu vos agradeço a atenção e a nímia gentileza de me ouvirdes até aqui, ao final desta oração, inteiramente despida da fascinante magia da Retórica, e só tem destaque e personalidade fulgurante do meu insigne Patrono, Dr. João Perboyre e Silva, nome tutelar de minha Cadeira nesta vitoriosa Academia Cearense de Retórica. Sensibilizado agradeço igualmente as presenças amigas e delicadas da nobre dama Sra. Waldeliz Albano e Silva, e da sua gentilíssima filha Dr. Ruth Albano e Silva, reverenciando-as com o maior respeito e vera estima.

Concluindo **Elogia ao Patrono**, faço-o com as palavras finais de uma de minhas crônicas semanais no velho e querido "Correio do Ceará", sob título genérico de "Homens, Coisas e Fatos", nos primeiros dias de julho de 1965. Era sentidíssimo necrológio do saudoso amigo que acabava de voltar ao Pai:... "E Perboyre e Silva está morto, mas apenas pereceu a matéria, pois o seu espírito iluminado permanecerá entre nós, os seus amigos e os seus discípulos - de Direito e de Jornalismo - guiando-nos para os grandes dias que estão por vir. Repousa em Paz, Amigo e Mestre Perboyre, na certeza de que a tua grande vida terá muitos imitadores, pois que ela é grande demais para não servir de exemplo às gerações futuras".

O que escrevi, reafirmo agora, vinte e três anos depois de sua morte física, na certeza de que a lâmpada votiva da Esperança que ele deixou acesa sobre o altar da Pátria é almenara potente incandescente a guiar os nossos jovens que caminham pelas estradas da vida ao encontro da Verdade, do Direito e da Justiça.

É tempo de calar a minha palavra e o faço trazendo para as luzes desta sala engalanada por vossas ilustres presenças, a Graça, a Harmonia e a Beleza, que estão sempre nos lábios do nosso Poeta Maior — Acadêmico Professor Artur Eduardo Benevides - no primor de versos seus:

"Nascemos da palavra
e guardamos o pólen da beleza.
Ela flutua em nós como a verdade
ou as cousas que habitam a natureza.
Viajamos em seu ventre cada
tempo do dia.
E ela nos guia
por ágoras, êxtases e rios
ou por helespontos e mudos
desafios."

Aceitei um desafio e o cumpri. Deixo o meu destino em vossas mãos.

Muito obrigado.